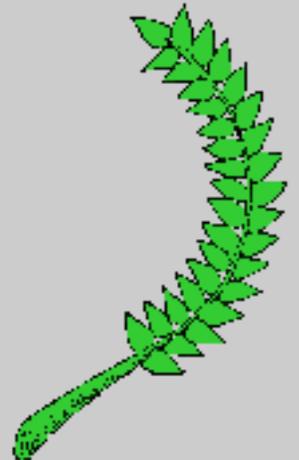
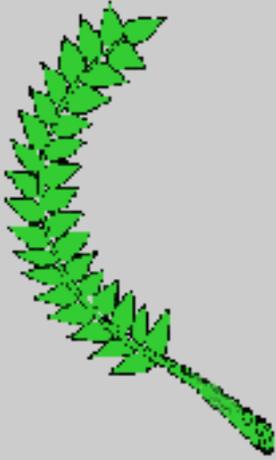


---

Arte Literária

# Letra Morta

( Poesia III )



*José Luis Ferreira*

Uma edição eletrônica não-comercial da

CASA DA CULTURA

---

# Letra Morta

*de José Luis Ferreira*

edição eletrônica não comercial

Casa da Cultura



André Carlos Salzano Masini

---

---

## Copyright © José Luis Ferreira

Os direitos de todos os textos contidos neste livro eletrônico são reservados a seu autor, e estão registrados e protegidos pelas leis do direito autoral. Esta é uma edição eletrônica (e-book) não comercial, que não pode ser vendida nem comercializada em hipótese nenhuma, nem utilizada para quaisquer fins que envolvam interesse monetário. **Este exemplar de livro eletrônico pode ser duplicado em sua íntegra e sem alterações, distribuído e compartilhado para usos não comerciais, entre pessoas ou instituições sem fins lucrativos.** Nenhuma parte isolada deste livro, que não seja a presente edição em sua íntegra, pode ser isoladamente copiada, reproduzida, ou armazenada em qualquer meio, ou utilizada para qualquer fim. Este livro eletrônico não pode ser impresso. Os direitos da presente edição permitem exclusivamente a leitura através de algum programa de leitura de arquivos PDF. Quaisquer dúvidas podem ser esclarecidas através do e-mail [contatos@casadacultura.org](mailto:contatos@casadacultura.org)

edição eletrônica não comercial

Casa da Cultura



JOSÉ-LUIS FERREIRA

POESIA III

**LETRA MORTA**

*[...] «as pessoas mais amigas do mundo interdesencorajando-se !»*

se restasse um lugar para mim ainda, entre o inferno e o superno...

*(Lisboa, 1972)*

## ÍNDICE

(Páginas podem ser localizadas através do programa de leitura de PDF)

<i>Pórtico</i>	.....
ditado dictée & dictation	.....
tu eu nós eles	.....
de estar aqui	.....
ao grande pássaro	.....
franz também era psicopata	.....
vibiscvm	.....
ladrainha da pobreza de s. remo	.....
cantata de fazer promessas	.....
passata	.....
da festa	.....
status prosaico	.....
a quem nunca foi à pátria	.....
jogo sincopado	.....
jogo sujo	.....
jogo do cavaleiro andante	.....
jogo da glória	.....
redução ao absurdo	.....
Mensagem para miguel	.....
Vegetação espontânea	.....
poema translato	.....
barca & signo do leão	.....
na rota da erva	.....
fernando pessoa	.....
Congresso em bizâncio	.....
um gesto & duas confissões	.....
sem remorsos nem rancor	.....
sans remords et sans rancune	.....
saturno	.....
a criança e a coisa	.....
estação téminus	.....
uma hora antes do apocalipse	.....
verão na antiga beira alta	.....
noite de hiato em trânsito	.....
glosa só de passar tempo	.....
o elogio da usura	.....
holocausto	.....
um secreto abraço solitário	.....
miragem na montanha	.....
vista guiada	.....
1974 25 abril	.....
por um rosto	.....
cremalheira	.....
sintonia	.....
Apocalipse tomorrow	.....
o eterno da minha juventude	.....
luar de sintra	.....

## ÍNDICE alfabético de títulos

(Páginas podem ser localizadas através do programa de leitura de PDF)

1974 25 abril .....	
a criança e a coisa .....	
a quem nunca foi à pátria .....	
ao grande pássaro .....	
Apocalipse tomorrow .....	
barca & signo do leão .....	
cantata de fazer promessas .....	
congresso em Bizâncio .....	
cremalheira .....	
da festa .....	
de estar aqui .....	
ditado dictée & dictation .....	
estação téminus .....	
fernando pessoa .....	
franz também era psicopata .....	
glosa só de passar tempo .....	
holocausto .....	
jogo da glória .....	
jogo do cavaleiro andante .....	
jogo sincopado .....	
jogo sujo .....	
ladrainha da pobreza de s. remo .....	
luar de sintra .....	
mensagem para miguel .....	
miragem na montanha .....	
na rota da erva .....	
noite de hiato em trânsito .....	
o elogio da usura .....	
o eterno da minha juventude .....	
passata .....	
poema translato .....	
por um rosto .....	
<i>Pórtico</i> .....	
redução ao absurdo .....	
sans remords et sans rancune .....	
saturno .....	
sem remorsos nem rancor .....	
sintonia .....	
status prosaico .....	
tu eu nós eles .....	
um gesto & duas confissões .....	
um secreto abraço solitário .....	
uma hora antes do apocalipse .....	
vegetação espontânea .....	
verão na antiga beira alta .....	
vibiscvm .....	
vista guiada .....	

## Pórtico

Tardamente me apercebi da minha impotência, nesta luta inglória contra as dúvidas comuns dos homens mais perguntadores da minha terra. Desdobrei a minha identidade em duas, geminadas, no mesmo núcleo celular. Duas partes complementares e insuspeitas, duma mesma e duvidosa personalidade global.

Considerei o processo tão lógico como vital à duplicidade da minha existência. Fiz um pacto comigo, perante o deus e o diabo (possessores da minha presumível consciência). Dissimulei o meu autismo serrano na esquizofrenia urbana. Com a mais atenta vigilância, iniciei duas vidas simultâneas, tão paralelas como virtualmente antagónicas:

- uma, onde, sem actualizar o carácter, respondi *quantum satis* às mais sensatas exigências consuetudinárias de uma sociedade senil, hipócrita e complexada;

- outra, em que, evadido de obrigações irracionais com os costumes implicados na sobrevivência ordinária, paguei o *luxo de ser livre*, rompi com o *stablishment* e inventei uma gaiola para sustento e consumo próprio deste vício de sonhar uma autonomia secreta, orgulhosa da clandestinidade tão humana quão humilde, de ser poeta.

O panorama sociocultural do meu País sofre, de nascença, de um mal exógeno que espartilhou o génio filosófico do Agostinho da Silva - como o de tantos outros cidadãos do mundo, aqui nascidos - que acabam escolhendo a *Pátria para morrer*.

Entanto, a minha produção de escriba (mais insatisfeita do que escrupulosa, ou mesmo acovardada) permanecia encalhada na peneira da pseudo-responsabilidade intelectual. Um filtro autocrítico, cujo sentido bebera, jovem e sofregamente, na tese de um historiador<sup>1</sup> alemão do início do século.

Desde então, nunca as minhas preocupações formais se distanciaram da pretensão de estabelecer um íntimo equilíbrio entre o crente social e optimista (que não sou) e o céptico vadio, inveterado (ou peregrino), que deambula em busca da reunificação da sua identidade ética e estética - desde a criação genuína à expressão formal da autenticidade espontânea

- por que sempre desejei veicular (com foros de jogral, trovador, ou moço de recados) a expressão inédita dos meus escritos, fossem eles prosa, fossem verso, ou fossem lá o quê!

Pouco publiquei do muito que escrevi nos primeiros cinquenta anos da minha vida, além de investigação esporádica de comunicação literária e ensaio crítico - que apenas se projectaram sobre diminutas audiências, pessoas ou grupos, cuja receptividade (adulta, *soit-disant*) analisava - escondido sob o pseudonimato das minhas experiências e pesquisas, as tentativas (rústicas secretas e cínicas suburbanas), do desenvolvimento auto-satisfatório da minha presumível personalidade literária. Assumida, ostensivamente, em gestação.

Parti do pressuposto de possuir, de facto, algum talento, próximo ou remoto, meramente imaginário. Que reafirmo. Sustento. E assumo.

Muitos dos meus irmãos de aparo publicaram profissionalmente (ao longo dos anos da nossa contemporaneidade) textos excepcionais, obras concretizadas da mais elevada qualidade e profundíssimo significado cultural, que me terão frustrado ou eliminado alguns confessos rancores ocultos. Mas, nem assim, ultrapassei a omitida vergonha das minhas menos doentias ambições de vir a ser poeta e escritor «quando for crescido».

Atormenta-me hoje - mais do que nunca - a percepção de múltiplas dificuldades, lexicológicas, linguísticas, semiológicas ou, residualmente contingenciais, de natureza étnica e geoantropológica, inultrapassáveis.

Um pesadelo que, ainda hoje, não abandona a minha dificuldade de escrever gratuitamente (à borla), para pessoas cujo estômago enjoa com a leitura da última metade da segunda página de um texto A4, mesmo quando se trate de um ofício, uma certidão de óbito, uma notificação ou despacho judicial, atentatórios do direito individual à iliteracia(?)...

A gramática é uma disciplina morta na maioria das línguas vivas. Desde a guerra íntima travada com a sinonímia, por aqueles que escrevem por paixão, até à ortografia técnica convencional de um dialecto sofrível - como é, hoje, o «português standard, ou padrão»! metido a martelo nos computadores - persisto na sôfrega tentativa de descobrir uma semântica nativa ressuscitada, mas já quase arcaica, ainda pulsante mas, inelutavelmente, em vias de extinção!

Muitas dessas singulares preocupações se me manifestam quanto à utilização adequada dos mecanismos inovatórios e do instrumental da linguagem moderna, onde a autonomia da escrita – como forma da fala – perde terreno perante novos idiomas, sem alívio da minha consciência!

Tudo se me agita num medonho conflito mental, gerado a partir da minha propalada utoduplicação. Inicialmente, tentava demarcar-me da afirmação facilitada e complacente de muitos dos meus amigos companheiros de armas ...e bagagens. Alguns, politicamente integrados, tratavam-me com a esperança que se tem num filho pródigo. Outros, aparentemente mais ofendidos pelo fatalismo da ficção histórica (que, mais que hoje ainda, desiluminava a inconsciência popular e alimentava já a ignorância, com a convivência informe da burguesia universitária), saíam teoricamente do palco da sua própria vida e chamavam «de opereta», ao meu País.

Como se não fosse o deles – e, sobretudo – quando eles próprios eram teúdos e manteúdos por sustentáculos institucionais comuns aos de um regime político que, afinal, viria a degradar-se e ser extinto, à margem da irreverência literária e da sua ineficácia conspiratória. Porque o poder passa, invariavelmente, pela acção de forças ocultas iletradas e pela farsa camuflada do dinheiro... que motoriza a cultura de massas e se articula fielmente com a arte do possível.

A minha versatilidade, o eclectismo e o descompromisso, por um lado, a prolixidade contestatária, por outro, quanto a todas as realidades exteriores à perspectiva do meu-eu-isolacionista (isso, ou indeterminada consciência disso) inibiram-me de algumas pactuações possíveis: fui editor, fui censurado, e nenhum livro, exclusivamente meu, fora, até há muito pouco tempo, editado.

Muitos navegadores solitários, ambidestros – esquerдинos conversos, por inerência à vitória irreversível da Revolução de 1974 – enformaram as suas poses pelo diapasão posfético dos oportunistas, omitindo alguns trechos curriculares inconvenientes, exibindo uma solerte ingratidão (a título precário) por algumas justas benesses (receptadas, entretanto despendidas), durante o – então ainda, muito recente – «antigamente». Sem remorso e sem rancor, por essoutros literatos, radiquei-me anonimamente na militância política de um Partido (que me aceitou

como «cidadão livre de um país livre», nunca explorei, nem me promoveu, como escritor, ou poeta oficial).

Assim me isolei, resguardado, «de costas voltadas para o mar», nesta ilha intimista que sou eu, de onde agora desenterro, sem recorrer a qualquer branqueamento político, o meu "tesouro dos Incas".

Pouco ou nada me interessou, mais do que episódica e convivialmente (por desencanto), a generalidade dos escritores e poetas suficientes, alguns dos mestres públicos da minha geração. Hei-de, portanto, manter-me estagiário da vida vivida, ad æternum, livre pensador, sintonizando os meus silêncios, tacteando com os olhos da alma a minha sensibilidade, emocionado pelo inebriamento sensual de respirar um mundo e uma época, sem geometria, relógio, ou calendário. Nunca fui candidato ao carreirismo, à reforma e à estatuária efémera, nem tive que recusar menções honrosas, em jogos florais.

Sofri - «quantum satis» - o espectáculo concorrencial dos meus contemporâneos. A quase totalidade dos literatos mais afamados, severos, distantes e maldispostos desta Pátria comum ao Fernando Pessoa («a língua portuguesa») cada vez mais renegada, onde tantos jornalistas dos OCS's<sup>2</sup> e a maioria técnica dos tradutores simultâneos fazem turismo, diariamente.

Assustam-me, deveras, os «intelectuais mais competitivos em geral», instalados ou efémeros, no mercado literário, na feira das palavras subjugadas pelo dinheiro. Desde os «pioneiros da minha geração», aos clonados que o cordão umbilical das modas terminais (plagiais e revivalistas), do séc. XX, solda tecnologicamente ao despovoamento progressivo e à desertificação do espírito. Academicamente clássicas, na sua decadência. Cor-de-rosa, à risca.

Esta prosa agridoce retardada<sup>3</sup> pode ser tomada como um portão memorial de palavreado (que tranque definitivamente um «período ultrapassado a latters do habitat cultural do meu País Portugal», então conduzido por uma política imperativa muito mais autocrática do que hoje poderá imaginar-se. Suportado por um mecenato atípico. Mas característico. De uma oligarquia desagregativa. Concelebrante de uma plutocracia feudal primária retardada. Imposta, pelo sistema eclesiástico

provinciano dos seminários clericais, à governação arcaica do penúltimo condottiero identificado no meu País.

Vivi a minha vida (raramente detectado pela indulgência de alguns íntimos). Por alguma razão (?) quero, agora, enfatizar alguns aspectos da sua estratégica duplicidade. Tive acesso a mundos, entre si, muito diferenciados. Conheci e convivi com gente, entre si, muito distanciada. Retenho dessa experiência múltipla algum rigor na memória e nos registos fixados no papel e em vários artefactos, objectos e livros...

Convivi com pessoas entre si muito dissociadas no tempo. No espaço. E no amor. Escutei-as. Falei-lhes. Falaram-me. Dialogámos. Toquei-as, por vezes. Observei-as sempre. Sobretudo, quando mais penetrante lhes sentia o desejo de ser, eu próprio, a mira das suas observações. E tão obsidiante se lhes tornava tal interesse que, de si mesmas, se alienavam e expuseram, indefesas, às minhas nem sempre inocentes sondagens exploratórias.

O cansaço sobreviria, agravou-se e opôs-me insuperáveis resistências físicas. Com o desaparecimento sucessivo do meu Pai e de muitos Amigos com importância determinante na minha vida, perdi a pureza agressiva da minha prolongadíssima adolescência. Deparou-se-me, ao espelho, um desconhecido que era eu próprio. O sentido autodefensivo, até então invulnerável, capitulou perante mim mesmo. Comecei a travar conhecimento comigo.

Inesperadamente, o meu ego solitário cessou a série longa de quase<sup>4</sup> trinta anos assumidos em «experiências com gente». Em cidades. Vilas e aldeias. Com cidadãos, vilões, aldeões, comigo próprio, sujeito activo e passivo de factos dinâmicos, arquitecturas dramáticas e banalíssimas tramas líricas.

Inúmeras paisagens de sítios dum mundo que não era meu, povoado por outros descendentes de deuses e animais desaparecidos. Que se moviam clandestinamente em torno de um sol cada vez menos bíblico e mais astrofísico. Um mundo, feito por mim, com apenas meia dúzia dos países macerados numa Europa estrangulada em Yalta, na alquimia (paradoxalmente quase monástica) do meu laboratório privado, em trânsito, onde o material das amostras recolhidas assumira proporções

confusas, múltiplas, excessivas. Repletos, pletóricos de vida, os meus cadinhos fundiam essas experiências.

Acumulavam-se os processos paraconvencionais de uma proto-psicanálise inactuante, em que, afinal, participara menos como observador do que como actor, voluntária ou involuntariamente integrado. Era a enchente. A lotação esgotada. Os actos e as palavras intersectaram-se na reorganização do caos. As conclusões obtidas converteram-se nas imensas frustrações com que aprendi a conviver. Procurando custosamente reunificar a minha identidade, para reencontrar-me e suportar lucidamente, na sublimação de inumeráveis desgostos, esta irónica alegria orgástica de saber que ainda estou vivo.

Tudo escrito à mão, martelado, depois, em máquinas do tempo, reduziu-se aos poemas suspensos atirados ao encontro deste livro. Com um significado desidratado, doloroso, marcado por esta enraivecida doçura, perturbante negativa, de todas as palavras, de todos os livros serem, como este, susceptíveis de reduzir-se a ... uma **letra morta**.

1999, Serra de Alcoba (do Caramulo, actualmente)

**POE'GRAPHIC<sup>5</sup>**



## DITADO, DICTÉE & DICTATION

Vou dizer-te o que penso  
o que penso que penso  
não o que pensas que penso

eu não penso como tu  
porque  
eu sou o que penso percebes ?  
e é só por isso que tenho o direito de pensar  
assim:

Je vais te raconter ce que je pense  
ce que je pense penser  
jamais ce qui tu penses que je pense moi

pas moi je ne pense comme toi  
moi c'est moi t'entends, Tin-tin<sup>6</sup> ?  
et pourtant j'ai bien le droit de penser comme ça :

I'm going to tell you what I think  
what I think must be thought  
(never) what you are thinking that I think  
what I am  
Myself(?) I really don't know

## TU, EU, NÓS, ELES<sup>7</sup>

Procurei-te na hora exacta em que morrem as estrelas  
porque tu não sabes se há um prazer indeterminado  
no acender-se  
um cigarro à chuva  
três horrores precisamente próprios deste nosso universo de água  
uma concisão táctil duas horas antes do sorriso  
e a impressão absoluta e premente de que todos esperam por mim  
sentado à porta do dilúvio com flores de esperar nas mãos  
simbiose eloquência um gosto ácido na língua toda  
amanhã o dia de hoje está perdido na noite dos tempos  
todos fogem já ninguém se lembra do que espera:  
uma lágrima de opala nos dedos da mão esquerda  
e a ilusão dos passos à chegada de uma ausência impossível  
tanto mundo amor tanta enciclopédia tanta sinfonia  
a palavra vai subir de preço e o silêncio  
deixará de obter-se de encomenda  
vamos todos impermeabilizar-nos de segredo  
vamos correr os dois à chuva no dilúvio da memória  
vamos gritar ao sabor do vento uma opereta  
para nunca levantarmos vôo  
para ficarmos retidos nas palmas  
das mãos dos outros  
eles quiseram beijar o chão dos pés de deus era uma farsa  
eles tentaram imitar as criancinhas eram vis  
eles teimaram em cair no precipício era a salvação  
eles tremeram de medo ante a escuridão era verdade  
foi por isso que quisemos ficar sós de encontro ao infinito

## DE ESTAR AQUI

Sou contra a extinção da luz do sol à noite  
sou contra a sociedade de recreio  
d'os artistas  
sou contra rituais de amor deus-dei  
sou contra as instituições da beneficência  
sou contra a morte eterna o culto branco  
sou contra a fuga do Egípto  
e do desconhecido  
sou contra as descobertas  
e as prisões  
sou contra-torpedeiro  
sou contrariedade  
sou contra-forte  
sou contr'alto  
sou com'traído  
sou contra  
sou

fui  
fui eu  
me mim migo  
fui cavaleiro negro  
fui forçado evadido da montanha  
fui riso e choro arrepelo e marretada  
fui caminho luar e sombra de fantasma agrilhado  
fui ladrão de cavalos assassino a soldo  
rei azteca

↳

←

fui anjo do mal protector da infância  
castelão do sonho

fui grito  
eco-de-grito  
mar negro antártida e carícia

fui beijo e cântico  
medalha pobre de rico  
choro de riso

fui fome e arrepio  
nojo de serpente e caroço  
de maçã

fui bom dia um semestre agosto de fartura  
morte serena

...basta

## AO GRANDE PÁSSARO<sup>8</sup>

Ave côm-de-treva    monstro    que se alonga  
obscurece    tecto frio    a luz da noite  
tece tétricas penumbras    atira tiros pelos olhos  
bufa fogo    brama brados  
freme frases    força farsas  
forja frisos    treme torsos  
tomba quedas    trina queixas  
rouba beijos    freta fugas  
traga vidas    torce troncos  
fecha portas    trincha coxas  
puxa pêlos    mata porcos  
prega pregos    mija sol  
gera filhos    roga pragas  
furta cores    farta brutos  
finge bruxas    bifa bufos  
pesca peixes    parte pratos  
tudo sem fazer sangue    diplomacia e requinte !  
o Vampiro é pai dos filhos dos outros    sem assinatura  
não há bastardos    o diabo tem asas no lugar dos braços  
vôa sonhos    vibra sons  
brota flores    vence risos  
grita sóis    lança chamas  
pinta grutas    quebra copos  
quebra bilhas    prega pêtas  
palpa mamas    pinga gotas  
conta prantos    monta pretas  
canta laís    coça costas  
cega cabras    rasga mágoas  
seca fontes    rifa feitos  
desenrola a cauda nas crinas de ouro dos cavalos gregos  
paralisa a dôr suavemente    destrói num sopro a luz do sol  
vive da fraqueza humana e numa fraude    mata a pré-história

## FRANZ TAMBÉM ERA PSICOPATA<sup>9</sup>

Duas vitaminas e um copo d'água  
com sumo de limão e um pouco de boavontade  
seis quilómetros a pé com dores no corpo todo  
oh minha ave de braços  
oh minha dor de borco  
minha vida tudo  
minha vida nada

rosa por fora polvo por dentro  
flor à vista um forno uma prisão  
a vida depende dum ventre  
e dum diapasão

ouves-me Sigmund ? Franz também era psicopata  
há dois tipos de vida  
a minha vida  
e a vida alheia  
faltam versos no poema  
e há conversa a mais

estiva é profissão rude trabalho sem rosto  
ai é um lamento uma auto-concessão  
custa-me a crer no amor porque não durmo  
oh minha espera frouxa  
oh minha inconvicção  
minha tristeza imunda  
minha aviltção

são frei frade a confissão é uma independência  
a liberdade não implica justificação  
os meus irmãos cegaram piamente frases perdidas  
não foi minha a condução

ouves-me Sigmund Freud ? Kafka é psicopata  
tenho a verdade nos olhos  
e a verdade  
não é verdade sozinha  
precisa duma igreja e duma procissão

## **VOBISCVM**

Deixa ! se chove  
Não faças bulha  
a orquestra vai tocar a marcha  
dos deuses  
será de seca o próximo verão  
mas cessará por fim a nossa decadência

Estarei lá convosco também e  
farei frente aos eunucos do eleitorado  
no harém-político da minha terra

darei um grito à dôr  
de cada barão chicoteado

e se acabar a escravatura  
a mágoa dos cientistas  
a imunda tristeza dos técnicos  
a humildade dos letrados  
a arte poética

Hei-de chorar  
de riso às gargalhadas  
antes de ser decapitado  
contra tirania a morte  
conceito irreprimível  
do nome liberdade

## LADRAÍNHA DA POBREZA em San Remo<sup>10</sup>

Benditos os Malditos os que lutam por uma ou duas convicções  
Malditos os Heróis exemplares porque dão sentido à lógica da história  
Benditos os Profetas enjaulados por «entre as brumas na memória»  
Malditos os Charlatães do templo a guarda real as flores vendidas  
Benditos os Mal mandados fugitivos sem asas das prisões mentais  
Malditos os Que compram máscaras para dormir acompanhados  
Benditos os Que por amar com amor passaram a ter luar no rosto  
Malditos os Que hipotecam toda a existência aos bancos da vida eterna  
Benditos os Que morrem violentados pelo medo sem qualquer fé celestial  
Malditos os Que matam a vida dos outros lentamente e sem venenos  
Benditos os Desajustados e os marginais sempre vencidos pelo sonho  
Malditos os Heróis de pedestal e os santos de altar com luz à noite  
Benditos os Que ajudam sentindo fundo sofrida no sangue a dor alheia  
Malditos os Queimadores de almas que cospem o meu corpo com os olhos  
Benditos os Seres incarnados na vida que bebem da água o nome do tempo  
Malditos os Que sabem prever que a morte dos outros será amanhã  
Benditos os Anónimos sempre ignorados construtores do dia de hoje  
Malditos os Censores puritanos os falsos pedintes e os sabujos habituais  
Benditos os Oprimidos os escravos da força e os gatunos de promessas  
Malditos os Que levam em excesso todas as flores ilustradas do seu funeral  
Malditos os Manhosos entrelectuais de falso ar sofrido binóculo à espreita  
Benditos os Gnomos da floresta as sereias negras e a cor dos vitrais góticos  
Malditos os Cães deitados na cama alheia os machos de terceira etcætera  
Benditos os Meus amigos sem excepção e nem todos os sóis na vida  
Malditos os Benditos o céu o inferno e os instigadores da burla universal  
Benditos os Que respiram pelos olhos à flor da pele a luz de outros sóis  
Malditos os Que dormem sempre vinte e cinco horas em cada dia-e-noite  
Benditos os Que inventaram o sorriso a alegria e o pão das madrugadas  
Malditos os Profissionais do bocejo que discursam em palcos e ao ar livre

↳



Benditos os que odeiam sem força nem remédio e brincam com crianças  
Malditos os sensatos os comprados os vendidos calculistas e os medricas  
Benditas as aves de rapina os cães sem dono as acácias e os chorões bravios  
Malditos os lírios murchos pombo-correios cascavéis e aves de capoeira  
Benditos os magos os amantes os videntes e todo o setestrela  
Malditos os gurús fanáticos os fiéis defuntos e os bispos incrêus em geral  
Benditos os inconcordatos os gênios desconhecidos os trovões e a música  
Malditos os solertes os inertes e os robertos inversos ou perversos  
Benditos os chacais e as raças em extinção que limpam e sujam o deserto  
Malditos os donos da sociedade protectores usuários dos animais de carga  
Benditas as mães dos poetas vivos e as tias afins dos guerrilheiros mortos  
Malditos os pobres de espírito e os condestáveis mais ricos de s. remo  
Benditos os mais capazes ultrajados pelos júris no pódium do poder venal  
Malditos os palermas ardilosos os idiotas chapados boçais e incompetentes  
Benditos os gregos e os troianos cristãos e muçulmanos apátridas e ateus  
Malditos os que nunca mentiram ou roubaram por matar a fome doutrem  
Benditos os nus nunca despidos e aqueles que não coram com a indecência  
Malditos os que dormem de pijama e nunca tomaram banho-por-dentro  
Benditos os jovens crentes nos seus milagres particulares por amor à vida  
Malditos os apitos os juizes abastados do mundo inteiro e os patrões deles  
Benditos os pianos os discos a voz humana e os órgãos sexuais bem afinados  
Malditos os cães de fila os tubarões os fascistas e as outras vacinas letais  
Benditos os esquecidos órfãos bastardos fugidos à saudade da terra natal  
Malditos os prémios e comissões os apoderados as agências e os mercados  
Benditos os festivais culturais e os suicídios de s.remo padroeiro da pobreza  
Malditos os pergaminhos a vontade de comer e ter tão pouco dinheirinho  
Benditos os sermões pioneiros dos missionários laicos mineiros do amanhã

laus Deo sursum corda et amen

## CANTATA DE FAZER PROMESSAS<sup>11</sup>

Em tom dialogal a chorar por dentro  
ficar à espera de uma salvação-de-pátria-qualquer  
recobrar fala  
e sofrer  
com a morte dos filhos dos outros por remorso  
sonhar com a vitória de Samotrácia inteira  
e acordar feliz à beira da ruína  
e do terror da morte

Pedir tréguas exigir um milagre  
sufragar almas  
exorcizar os possessos do demo  
destruir os incubos  
ressuscitar mortos históricos  
cunhar moeda  
mendigar vassalagem sem pagar tributo  
não ter conseguido nada  
e ter perdido tudo quanto foi imaginado

Um poeta à chuva um cavaleiro desarmado  
de olhos baços e unhas partidas  
de barriga-cheia  
e nariz no ar  
com as costas direitas  
contra a parede e não haver outra saída:

Garantir a paz e-a-fatura  
por todo o sempre que há-de vir  
ao futuro ex-chefe dos guardas-esbirro  
do senhor do povo!





Assegurar-lhe uma nobreza fácil  
indicando-lhe o caminho da fortuna  
e um plano infalível  
de fuga com evas raptadas dum paraíso  
escondidas numa gruta mágica  
enfeitadas com cobras de ouro nos braços  
completamente nus até aos seios  
ávidos de um dono como ele!

e o suor frio da bússola do pânico  
em busca de azuis imaginários  
e desejos côr-de-rosas em botão  
única orientação cúmplice da fuga  
e tremer de medo  
à espera da morte

## **PASSEATA<sup>12</sup>**

Flor    prematuramente seca  
águia    ou fogoposto  
seta  
profeta  
viagem  
romagem  
a Meca  
no tempo de Ariosto

Grito        o absurdo às costas  
floreio      de florete      trompette  
pássaro                      chilreio

Mãe        continuas de mãos-postas!  
Volto cedo    podes dormir descansada

Senhor Pobre  
brasão de trabalho  
passeia  
risos-e-prantos  
poetas na cadeia  
rimas de alabastro  
do Manuel de Castro

Ninguém quis viver esse poema  
Que perdeu a condição de vida  
E já não canta !



Lyra-ou-harpa pinta-a-manta  
Fausto, o impostor perdeu o corpo  
e o Rei vai nu  
tratamo-nos por tu  
mas cultivamos uma fome sem guarida

Tergiversia do Atlântico  
viagem a nado  
romagem inevitável  
a Meca a fantasia substituta dum duelo:

floreio	de florete	trompette
pássaro	chilreio	hino
passeio	menino	em meio
hostil	romântico	juvenil

Os quatro amigos regressaram a suas casas sonhando  
a recordação da miragem dum prodígio aventureiro

## **DA FESTA**<sup>13</sup>

Hoje é dia de festa de verão  
há-de nascer um filho ao meu irmão varão  
vou visitar o mundo vou de viagem  
Hei-de trazer comigo uma rocha rara  
um pássaro  
de alcatrão

É de festa o dia hoje  
uma flor na lapela o riso dos garotos  
a rua tem ecos reflexos de canções  
e de ganidos  
porque não é de cães esta festa  
é só de gente alegre a comemoração

Hoje é de festa o dia  
de festa informal sem autorização  
festa espontânea sem marcação

Ninguém vai trabalhar  
tudo fica por fazer

São por isso os ganidos  
e apenas dói aos cães  
este ser de festa o dia

## STATUS PROSAICO<sup>14</sup>

Há no largo um sol anti-confessionista à espera  
uma estátua d'Augusto cheia de verdete  
um pasmo alvar nos olhos de clarete  
e, na boca  
um estertor franzido de mauálito  
desconchavo mole em primeira instância  
aberto na concavidade abissal da ignorância

*Gritaria: «vivó nosso club'abaixo os vesitantes!  
acabe-se co'a hipocrisia de receber os inimigos  
com festanças  
claques fanfarras e danças  
é a tiro ! e com bojardas em voz alta  
a paz só serve p'ra tirar o gozo ó desporto!  
E a polícia estraga sempre a convivência  
Deixa tudo em ponto morto.»*

A rapariga tem busto de estátua  
pestanas postiças  
as pernas na varanda  
içando a saia rubra por instantes:  
*«vivó nosso club'abaixo os vesitantes»*

→



O rapaz tem uns óculos escuros  
vermelho como um tição  
testa altiva traços puros  
uma boina na cabeça  
duas bandeiras na mão:  
*«vivó nosso clubabaixo os vesitantes»*

Resta ao largo um lusco-fusco de sol posto  
a silhueta em contra-luz duma estátua escurecida  
um pasmo alvar nos olhos de desgosto  
- e, na boca -  
a flacidez da derrota o mauhálito agravado  
- o desconchavo igual - avinagrado  
fechando a convexidade abissal da ignorância:  
*«O árbitro é um ladrão, gatunos, roubaram o pênalti  
bandidos, eu bem disse, só a tiro! Vivó nosso clube.  
Abaixo os vesitantes!»*

## **A QUEM NUNCA FOI À PÁTRIA<sup>15</sup>**

Um nada cheio  
de vida  
uma vida cheia  
de nada  
uma lua cheia  
de madrugada  
uma lua meia  
uma lua nada

## JOGO SINCOPADO

raça	pressa	torso	berço
esparso	expresso		espaço emerso
preço	baço	março	terço
porto	perto	morsa	narça <sup>16</sup>
forte	farsa	marca	preta
morte	farta	parca	perca

## **JOGO SUJO<sup>17</sup>**

agressão  
charada  
compasso de espera  
borbotão

roxo rixa racha

Caparica  
astronomia  
avant-garde  
peles-vermelhas

rita rota rapo

equinócio  
magia  
influência  
morada

pata teta pita

convulsão  
marialva  
movimento  
progressão

peta prova parva

## JOGO DO CAVALEIRO ANDANTE

Síntese	análise	abstracção
cópula	cúpula	diapazão
mó deformada	culpa	perdão

Calcanhar d' Aquiles <sup>18</sup>	punhal na mão
estrela cadente	importeacção
cadinho-variz	obstrução
família	picada
contraste	ironia

Burguesia	esmalte	procuração
Angina	pectoris	coração

## JOGO DE GLÓRIA

acta porta camarata  
morte prata camarote  
mica maca moca  
túlio tasso tito

trópico  
tónico tríptico  
tráfico  
talco polka palco

prático  
tópico  
pórtico

topo peco pago  
oco trapo coco  
pulga prego praga  
sina susto sorte

## REDUÇÃO AO ABSURDO<sup>19</sup>

$$\begin{aligned}5 &= 1 \\1 + X &= 2 \\2 + X &= 3 \\3 + X &= 4 \\4 + X &= 5 \\X &= 5 - 4 \\X &= 5\end{aligned}$$

- juro *por Deus* que:  $X = 2$
- retiro a jura = isto é um poema

## MENSAGEM PARA MIGUEL<sup>20</sup>

Procura nos bolsos vazios um pouco de nada  
para dares-tos                                  duma vez  
procura       um frio de vento  
                um frio de frio  
                um frio de nada  
procura       o frio                                  enche nele as mãos  
nos            teus bolsos cheios        nada

Sub-trai       traí    retraí    contraí o cadáver branco  
dos            seios da mulher                  que te assistiu  
arrepia-te    sofre    enoja-te    cospe    escarra  
amarelece   sem pavor        chora e desmaia

*[desmaiar seria um remédio fácil. Passa-se para dentro da morte como passas a tua dor por entre a vida. Um entretém passageiro de preencher passaportes. Cheios de carimbos de fronteira - os passaportes ! Fascina-te a luz. Atordoa-te a superfície. Tu não te afundas porque não descas nunca. Seria negares a verdade às superfícies: a aparência.*

*... prossegues os teus vôos mortais de borboleta, asperges de côr o éter dos verões. Um dia irás, que honra! parar numa colecção entomológica. ]*

num museu                   ou num frasco                   é mais importante  
irás parar                  a um frasco                   como os fetos  
os que virem               os curiosos                   te amarão morto  
dirão que conhecestes o mundo           enquanto peço perdão  
ignorarão que sofremos       ambos                   a morte sozinhos

## VEGETAÇÃO ESPONTÂNEA

É preciso que renasça  
a flor

que um sol qualquer refaça  
pétala  
a  
pétala  
a flor

cada minuto cheio de tempo  
é preciso passa  
perpassa  
momento simultânea a dor  
para mim  
é o esperar  
da flor

## POEMA TRANSLATO<sup>21</sup>

Encaminhante                    de olhos  
postos no infinito        imponderável  
o esforço titânico            de uma frase feita  
à pressa no ínterim        de um lapso metafísico

Aterra suavemente - é um Avião !

Riem-se  
do sono acelerado        o sonho solto  
e a morte guardada        em frasco  
com jóias uma pena        nos cabelos  
As coisas têm nelas        a história  
ultrapassada  
memórias na poeira        sem remorso  
musica nas portas        da saudade  
sangue no peito                flores  
a janela                        cheia do eco  
da fraternidade                imaginária  
brincos        de cansaço    nos ouvidos  
sexo        na poesia        do desencantamento

Uma ave daninha não pode agir pelo coração  
porque        o amor dos vampiros é mais puro

Aterra suavemente - é um Avião !



←  
Saem-lhe palavras da boca mel  
ainda ensalivada exangue  
de um último beijo perdido num canteiro  
seco de flores

Aterra suavemente - é um Avião !

Solto em queda livre um século inteiro  
metido em dois segundos ultrapassa  
um trovão no arco-íris imersa intacta  
em imenso nevoeiro a re-volta imprevisível  
do regresso ao mesmo Tempo

Aterra suavemente - é um avião !...

## BARCA & SIGNO DO LEÃO<sup>22</sup>

Sobre nuvens encrespadas  
maremoto suja alga liada  
a nave minha nau vomita  
sem comando ou nome que não seja  
um farol ao longe e range nas juntas mal coladas de cartão

fantasmas fenícios marinheiros Vikings bandeiras  
um vento que traça riscos de gráfico míticos estandartes  
velas pandas imagens rasgadas  
o meu navio encarquilhado  
é um jornal já lido ao sol

a vida a bordo são os meus passos a tremer  
botas rotas esmagadas nas tábuas podres da coberta  
as minhas mãos enclavinhadas arranham inseguras  
a amurada incerta loucura exangue gume alienatório  
sorve-me um delito subjuga-me a imaginação !

a tripulação que fretei já não é minha  
abandonou-me às vagas para que fosse mergulho a minha rota abandonada  
deu à costa algures deu-se à fuga desertou dum compromisso  
as tripulações compradas morrem no deserto  
adormecem de morte secam como lágrimas salgadas de bacalhau

uma sereia à proa minha companhia um pau esculpido  
tem seios de metal por fora escamas de vidro espinhas por dentro  
um sorriso colado ao rosto bronzeado pela amargura  
tem um mastro às costas tristíssimo e por cima  
uma vela latina a cruz de enrique sobre a corrupção de Nero

a minha história anda à deriva traz o signo do leão  
tem nos olhos um fantasma vivo uma miragem:  
é uma espera sem futuro um resvês de amanhã  
as minhas mãos têm nos dedos cabelos dum rei um elmo de papel  
um poema cheio de palavras em nome de Alcácer Dão Sebastião

## NA ROTA DA ERVA

Suplantou-se o compromisso do  
diálogo  
transciso o rodeio da pergunta  
obviada  
irrespondível  
exposto na amostragem do  
desvio  
na agulha do combóio  
tiro de navalha  
chicotada no ombro  
ferrete no lombo  
espinho na unha  
dente partido  
comunitariamente ultrapassado  
o anárquico ensejo  
a desoras  
quando tudo  
quando nada  
quando desejo  
ah o ter na vida um prazer gratuito  
a miopia acústica  
um som desconhecido  
o equívoco da distância  
a mim coisa nenhuma me chateia já não  
posso  
sinto-me não  
estou obstante  
impõe-se ao caos a desordem completa  
voluptas de *fumagem*  
ondas de nuvem  
um sabor indecifrável  
cosmos nebulosa  
impulsão

## FERNANDO PESSOA

Penso enquanto como            conquanto durma  
penso                            suspenso            na bruma  
Intento o espaço            comento            o tempo  
de mim para mim            na solidão            prosaica da mesa  
sintonizo o silêncio            a memória            da multidão  
de mim para mim            no acompanhamento da cama  
durmo sentado            na minha mão  
  
Critico a existência            anulo-me ingénuo  
perscruto a essência            sinto-me inocente  
  
Analiso    o frio            experimento o calor  
Sofro      o erro            atinjo                  o amor  
  
farejo a memória            descobro uma noção  
desminto a história            recuso a impressão  
  
sacrifico a ideia            e o mito da informação  
suplicio a morte            imagino uma canção  
  
Tudo quanto é processo            é documental  
o método                            é teórico  
a disciplina                            imposição  
a moral                                é costume  
o sistema                              é factual  
  
Não há mistério            no saber  
conhecer                            é meta do homem  
o encanto da procura            é poesia  
  
a lei                                    é descoberta  
a regra                                é invenção  
sociedade                            é convenção  
um nome                              inconvicção  
  
e ...  
Ninguém se preocupa            mais:  
    por menos dá menos  
igual a                                definição

## CONGRESSO EM BIZÂNCIO<sup>23</sup>

ninguém precisa preocupar-se mais com o sexo dos anjos  
todos sabem do sexo dos anjos desde Isaías  
esgotaram-se e é por isso que ninguém se preocupa mais  
com o sexo dos anjos

quando acender pela manhã o meu fogo matinal  
na gruta gotejante de humidade em que se abriga a minha identidade  
manterei a minha decisão de não preocupar-me mais  
com o sexo dos anjos

porque a noite não tem estrelas do oriente  
e só se é verdadeiramente mago às portas da morte  
quando o respirar é inteiramente sôfrego

e portanto deixa de haver mistério no sexo dos anjos

## UM GESTO & DUAS CONFISSÕES

Tenho para dar-te ainda um gesto e duas confissões  
é de conversa em gelo eterno o meu amor  
assassinei três viúvas doentes  
ergo as mãos e digo viva a liberdade !

Depois não tenho mais nada para dar-te  
fico à espera do teu perdão ignoto e do castigo cruel  
de São Mefístofles o teu criado grave  
porque sabes que te conheço mal e desisti de amar-te  
acabava por suicidar-me em sonhos e secar de tédio

Desconheço a tua mão mas imagino o teu poder  
porque acreditam em ti tantos milhões de infiéis  
alguns padres três reis depostos e cinco comunistas  
meia dúzia de cegos e um poeta a mulher dum governador-geral  
e dois exércitos e meio de mercenários mestiços  
antes de serem fuzilados em teu nome

Quando fizerem a festa deste ano à tua morte  
vou ficar angustiada por ninguém saber o sítio  
exacto do teu túmulo enfrascado em vinho  
vou dar as mãos inteiras à virtude das virgens  
para que sejam beijadas nas palmas com os dentes  
e se ponha termo definitivo à injustiça branca  
deste inestético massacre

## **SEM REMORSOS NEM RANCOR<sup>24</sup>**

... se não se crê em nada,  
nada se perde  
quando chega a saber-se a verdade

Agora que  
da verdade do mundo  
dos homens quanto das mulheres  
tenho que baste ! é melhor  
nem acreditar nisso  
Nada de sonhos nada de amor nada de pessoas.  
Nada de memória nada de rancores !

o que é que haviam de poder  
roubar-nos afinal ?

**SANS REMORDS ET SANS RANCUNE** <sup>25</sup>

*... si l'on ne croît à rien  
on ne perd rien  
quand on arrive à connaître la vérité ?  
Maintenant que  
de la vérité  
du monde  
des hommes comme des femmes  
j'en ai assez! il vaut mieux de  
n'y croire point*

*Pas de rêves pas d'amour pas de gens  
pas de mémoire - pas de rancune !*

*qu'est ce que l'on auraient pu  
nous voler donc ?*

## SATURNO<sup>26</sup>

Quem ? Porquê ? mas eu dou em doido !  
saturno sou eu um astro aqui estou

Mas... dizem o quê ? Onde andei antigamente ?  
Com o pégaso planei sobre colinas deixei rasto  
O outro saturno enlouqueceu

Onde estás ? onde estou que não te escuto ?  
Eu não sou dono de todo este silêncio !  
isto que trago nas mãos não é um punhal é vidro de espelho

Se vivo no amanhã ? saturno não vive hoje  
respondi-te !

Só de pensar-me oculto viajo vim por ver-te  
percorro o Tempo breve semibreve  
Fé ? desde quando alternantes são os meus anéis !  
Saturno é um génio-do-mal tremendamente amado

Clépsidras ? Ampulhetas ? o Tempo não é uma medida !  
escolhi-te no universo inteiro pela cor da música *semiconfusa*  
que tens no olhar

Mágica ? o que é *poesis* ? epicuro tem outros sentidos !  
Tenho fogo ao centro e nuvens em toda a volta um halo  
infernamente frio coisas de anjos  
o Tempo onde me guio é o vosso espaço a eternidade  
sou um criativo imitador de galáxias invisíveis  
como os deuses do teu medo em tuas preces e orações

só isto e desconheço a ciência das respostas certas.

## **A CRIANÇA E A COISA** <sup>27</sup>

A coisa deixou-se adivinhar por um rasto  
escondeu-se algures  
numa caixa  
absolutamente vazia

A criança fugiu  
fechou a porta da sala  
e refugiou-se tremente  
na armadura ferrugenta dum bisavô  
desconhecidamente ilustre.

A coisa saiu da caixa  
Passou de través a porta  
e envolveu a armadura

A criança quis sair de dentro da armadura  
a coisa encheu de noite a alma da criança

E a criança nunca mais saiu de dentro da armadura

## ESTAÇÃO TÉRMINUS 28

Doçura de arcanjo  
realejo  
sumo de limão  
comprador de escravas  
sentinela alerta  
à porta da estação

bombardeiro enamorado  
o guarda  
guarda a namorada  
sopeira gorducha  
ave bicho de estimação

sobejam duas horas  
no horário  
certo da estação  
bomba de ar barriga de água  
pelo exterior com mil receios  
contorna  
suavemente o bruto !  
a mama da sopeira  
na berma  
à beira da estação

tudo passa o comboio  
ribomba  
muita hora pouca terra  
fogo à vintàhora  
a cafeteira sopra chuva  
oito oitavas abaixo  
do trovão  
rasguem a tabela  
chega a tropa  
contrabaixo violão

## **A HORA ANTES DO APOCALIPSE<sup>29</sup>**

A hora grande da consciência há-de chegar  
encontro permanente em muitos sonhos  
sensação de desejo ansiedade  
um arquibanco

A hora grande da consciência há-de chegar  
para dormir o sono solto da nossa vida inteira  
a forma o estilo a maneira  
um saltimbanco

A hora grande da consciência há-de chegar  
agarrada ao movimento de um defeito  
a presença a sede a tempestade  
um espinho no peito

A hora da grande consciência há-de chegar  
beijando a flor eterna já sepulta do ocidente  
alegoria magdaleno concepção  
tinta permanente

A hora grande da consciência há-de chegar

## VERÃO NA BEIRA-ALTA ANTIGA<sup>30</sup>

Secura de terça-feira      dia de mercado  
à espera de acabar  
angústia e desagravo      desarticulação  
das palavras à hora de ceia – o jantar

Sorrisos imprecisos águas claras      sombras  
um culto amorfo do respeito  
depois do meio-dia é sempre hora própria  
de deitar

Re-volta a infância no ladrar dos cães dentro do peito  
a gente tem raivas      dores de cio  
angústias e vontade  
de amar

*Esmigalham-se sonhos mordem-se ideias  
a guerra alterou o rumo da história e a sede  
uma sede-de-magoar-os-olhos continua nua  
paredes-meias com o lado de lá da memória  
o calor da seca mata a frescura ressuscitada  
dos sonhos pela cerveja fria com tremoços  
lembrando corpos rosados e olhos risonhos  
mamas ao léu pernas abertas rolando no chão  
esquecendo as noras na boca dos poços mortas  
e o ronco pesado no ar dos motores dum avião*

porque a guerra ainda dura e em cada bocejo  
não voa eu vejo um esgar cansado de frustração  
um riso jovial e uma zanga à mistura  
O fim mais bonito é quando a gente fez história  
deixa eco      terras filhos  
numa vilória  
e mete o coração a-sete-chaves      couraçado  
num caixão de ferro debaixo dum penedo

## HIATO NA NOITE EM TRÂNSITO <sup>31</sup>

Um pontapé na infância    meus pés alterados pela idade  
duas da manhã            quase    tenho a certeza  
ninguém deu por isso    quase    tenho a certeza  
mais de noventa-por-cento das janelas do bairro estão fechadas  
prévert tem razão    ..."sur vos deux oreilles!"  
sentir-se mendigo    quase    andar ao papel  
humilhado            quase    beber água da chuva  
estar vivo assim        quase    e não sentir vexame nenhum  
   sobreviver à insónia é uma conquista

Duas da manhã    treze janelas acesas    nenhuma cama à minha espera!  
ociosa gritaria ocasional    um conflito    quebra o silêncio das pessoas  
a cidade tem uma zoadá prosaica    de fundo    adormecida e surda  
ando com pena de duas dúzias de pessoas perdidas nas cisternas do sono  
   dessa pena    é do meu ócio    e não é minha

Calmaria    alguém que comande !    É preciso farejar no silêncio  
escutar os    olhos fechados da multidão adormecida condenada às galés  
pela rotina de ontem    pelo barulho do trabalho escravizado da cidade  
as pessoas não sossegam    estão ocupadas    nisso as pessoas

Por mim tenho uma cadela duma vida partida ao meio    também  
ando emprestado a uma vida partida ao meio pelo não sei quem

os pais dos poetas    fizeram filhos    obviamente com outra intenção

## **GLOSA SÓ DE PASSAR TEMPO<sup>32</sup>**

É de poeta      mestre !  
enquanto à dor amarga  
invadido de astros      perdido  
entre exércitos de gruas      estátuas  
a exigir fábricas de máquinas  
com mãos de artesanato  
arquejo  
sobejo  
vejo  
as garras dum ensejo

Botas cardadas  
cansaço  
espadas      loiças velhas  
remexo-me  
estilhaço  
veludo      um beijo  
frio como o aço

É de poeta      mestre !  
eu      as dalias mortas  
e os espinhos de amoras silvestres  
mariema !      fecha as portas  
há ovos nos ninhos

## ELOGIO DA USURA

Um feixe de cardos  
a garganta minada de dívidas  
olhos amargos de fazer perguntas surdamente  
e uma tesura que  
eu vou-te contar

Assim se encontrava:  
eu-me-mim-migo contigo  
convosco connosco  
ante o perigo um travo a mosto  
tréguas ? o inimigo !

Zero à esquerda  
ou cinco à direita no poema  
é valor idêntico tem identidade

A sociedade  
tem fome  
tem fome a sociedade  
encham-lhe o papo !

gestor de negócios chefe conceituado  
acrobata de números pai desesperado

suicídio ou síncope tomba  
um contabilista pretérito  
imperfeito ou passado  
empresa falida patrão na suíça  
guarda livros no chão

excesso de zelo distracção  
letra vencida estupor da sedição  
banco usurário uma chantagem  
a falsa factura uma delação  
cobrança difícil recusa fatal

o que importam as contas  
de um técnico e um guarda-livros afinal  
à mais irresponsável sedução da vida ?

## HOLOCAUSTO

Suicida ou astro      o estro  
Imola-se ao poeta      meta  
Holocausto      fausto  
matricula-se na escola

Vínculo da fome esmola  
perdulária      a um pária  
revela      se à janela  
e mata      o luar de prata

Não gosto      do posto  
de poeta      faceta  
de derrota social      na vitória do mal  
adeus definitivo      à paz

Desgosto      de sol posto  
amor silvestre      arte rupestre  
experiência      anticiência  
aquilo que a gente faz

Grito      apito  
a rua está fechada      cadeia guardada  
a nação      é uma prisão  
ser poeta não é      uma profissão

A morte não existe      há é despiste  
vai-se a enterrar      até o ar  
é uma frustração      espécie de chão  
cama e palco      dum crime potencial

## UM SECRETO ABRAÇO SOLITÁRIO

Pena pincel ou harpa o buril do esteta  
um poema perto um prato e uma silhueta  
lótus semeados por mãos de fantasmas châmanes rubicundos  
luas presenteadas sopa dos pobres os meus ideais  
não te dou graças detesto croupiers vou a caminho

obcecaram-me a razão estultas vontades suicídios mentais  
envolto em fogo suporte a vossa humilhação  
ó meus irmãos de aparato ó decididamente quedos  
ó músicas de estrada ó lepra na memória  
ó espera mais um pouco ó tanto tempo já

uma utopia mais desfolha-se seca no botão nascido  
quando te abraçava eras um nome um prazer e um gemido  
ó meu cavaleiro andante ó don quixote coxo  
ó amanhã dos sonhos ó desdição contínua  
ó linguagem decidida ó deu-la-deu-martins

a roda foi inventada por um doido extasiado  
aquém das luzes-reflexas fiquei-me a meditar na praia  
já quis ser dono do mundo meter dois séculos num segundo

cerraste os olhos e morremos abraçados  
profanação balbuciei o teu nome acordei e fiquei só

## MIRAGEM NA MONTANHA<sup>33</sup>

salto mágico      espelho partido  
vôo de ave        ceder madressilvas  
flor de lótus      jardim suspenso  
um caminho       sempre igual

corro    sem      fazer perguntas  
sem olhar      para trás  
o nó da garganta    uma ânsia de paz

cavalo corso      príncipe com asas de anjo  
diabolicamente   bom  
um halo            de terra santa  
um Pégaso        de marfim

respiro fundo    devasso fronteiras  
não fujo          e sinto-me pesar  
viajo no silêncio do verão  
subo no azul      nado no ar

há na serra      esculturas por fazer  
a tua coroação   adivinhada em catedrais  
é um sonho      de vampiros      um harpejo  
hálito de rosas   de rochas e jasmins

## VISITA GUIADA<sup>34</sup>

Jumento gato colarinho firmamento  
leva o mestre de viagem os seus alunos  
excursão de peregrinos visitando Fernão Cotovelo Pixota  
o monstro prèhistórico imaginado dentro dum mausoléu  
sinopse cansaço sorriso cigarro  
vai o s'tor ao leme de mapa na mão  
decifrando a rota da estrada que leva à cruz a lápis  
que fica entre o passado desértico de  
sanjulião da caçadeira  
e o presente industrial de são... Bártolo'nosso  
de (me) Sines ...«onde a Terra começa e o céu acaba »

turma mista repartida desequilibrada em grupos  
os mais novos os mais velhos as meninas os meninos  
os mais ricos os primeiros os piores e canta  
bach tac tacão figurino  
calcorreando a estrada militar de Santiago

baptismo estudante jumento San'João  
o mestre explica tudo quase tudo  
fogueira jasmim riso-pedrada isso-não

à noite só o prof não dorme aos pares porque  
os s'tores solteiros só podem fazer isso com s'toras  
com preservativos e sem mãos como  
os motards experientes e a malta do skate

ninguém viu o mausoléu de Fernão Cotovelo Pixota  
tem há dez anos uma cerca em volta e a lição  
versou em vez de versos geografia dona Ana-  
tereza e o mercado do ambiente  
aguarda o s'tor enganado sem a disciplina de horário  
um depois da' manhã taciturno sozinho sentado no café  
de subúrbio:  
a evasão das salas de aula é um écran de tv

## **25 DE ABRIL, EM 1974<sup>35</sup>**

hoje é o dia do ódio  
que traz a liberdade  
o fogo do sol é uma ironia  
é poluente a secura do ar-livre

hoje é o dia do ódio  
eles sempre vieram  
os outros fugiram  
o oiro do boi Após todo  
flui derretido a escorrer  
pelas falésias em gume  
das pirâmides  
convertidas em areia e sal  
ao sol

hoje é o dia do ódio  
eles saíram  
do medo  
das garras abertas  
da pantera azul  
dos dentes esmagados da engrenagem  
das cremalheiras  
para as mãos dadas

hoje é o dia do ódio  
eles fugiram  
e portanto ninguém ri  
ninguém pode chorar  
é o castigo  
ardem os olhos  
atraídos pela cor hipnótica  
das flores

hoje são as flores  
é o dia do ódio

## POR UM ROSTO<sup>36</sup>

Ânsia um ríctus num rosto:  
um quadro ou simplesmente um espelho  
ilustração maligna sobre a fome  
espasmo no plexo solar solposto

Em milhão e meio de pessoas arde uma fogueira  
exemplifica a educação  
instrui as criancinhas  
molda-as misturadas na mesma bateadeira

Garatujo apontamentos  
com os olhos  
prevêem-se falhados  
construem-se prisões  
fabricam-se juizes  
aos bocados aos molhos  
a vida é mar para rimar! com escolhos

Descompromisso roda-livre  
sonho-de-poeta  
soldados da paz  
brandem arcabuzes  
sobejam gritos-luz da alma  
dos profetas

Hordas fugitivas chegam  
das escolas  
mestres-disco  
repetem a lição  
a mendigos  
surdos  
sem mais saco para esmolos

os poetas andam ao papel  
na noite parda  
em busca de madrugadas  
e bancos de jardim  
Procuro ainda um rito-rosto-tarda

## CREMALHEIRA<sup>37</sup>

Aqui sorrio vegetal-vegetante a divagar a minha angústia  
corroído na atrocidade vertiginosa que me dilacera

pressinto aos pés um lapso de abismo um muro pardo  
atiro-me guerreiro pela paz com uma raiva imunda nojo sujo  
chega-me aos olhos a humidade frouxa duma bruma inerte  
basta de pesadelo os homens voam com máquinas  
basta de inércia os homens falam com palavras  
basta de coragem os homens morrem lentamente

Aqui afloro ânsias sou frenético geyser lança-chamas  
mordo-me de fúria leio o profeta  
com vantagem traje de cinzento

sinto-me dois com a psicose de tântalo hormonas-para-sísifo  
traduzo miríades de estrelas garatujo letras sonho ideias  
contenho-me o desejo de saltar à corda com sereias pretas  
basta de hesitações os homens queixam-se  
basta de ignomínia os homens vendem-se  
basta de sufrágios os homens odeiam-se

Aqui janta-se veado no espeto canja de tartaruga churrasco de faisão  
qualquer prior bem parido agradece com vénias benze a paparoca

mantenho-me frouxamente alerta vejo luzes corredoras  
quantas bocas escancaradas vociferando a sua fome !  
encolho-me sob os ombros fecho as mãos num letargo fetal  
basta de mentira querem-me vivo e inocente  
basta de pretextos querem-me julgar  
basta de perdões querem-me a mim

↳

←

Aqui estive eu em pequenino de mãos postas orando  
neste mesmo leito de esterco fofo e pervertido  
com as minhas mãos no teu sexo de virgem

apeteces-me sorvo-te docemente a boca  
trinco-te o pescoço  
chupo docemente os teus mamilos frescos como a tua idade

afago-te as axilas	mordo-te as coxas	ferro-te a cintura
basta de intrigas	os homens têm sexo	
basta de tabús	os homens têm fêmea	
basta de orações	os homens já não querem recitar	

## SINTONIA

Ânsias de escada íngreme encostada à estrada de santiago  
cadáver permaneço incólume despropositado  
sobejo mil ameaças e trinta anos de fúria resta um banquete  
o ar poluído da cidade abre-me o peito / o vento queima a vida  
taças de poeira discursos sobre a fé  
solenes exéquias um desejo de estar só  
uma vontade de ficar de pé

agulhas de choro acutilam-me a memória uma chuva imunda  
tenho ainda um corpo lousas lápides libras de ouro comoção  
cataratas de desgosto um desencantamento  
neves perpétuas um espelho côncavo rachado a meio  
um título de livro rótulo chavão

penhasco para a regeneração dos deuses vivos morte aos faraós !  
desbravei florestas penedos brancos cantei hinos  
fel génios opostos em duelo sufocação humanidade  
divagar montanhas arder em fogo frouxo passadas débeis  
a palavra caminhante um anteparo  
desolação espectro de quimera  
uma infância a brincar às aves de rapina

vai haver fartura de pesadelos esta noite bosch bruehgel cranach  
quero um delírio de ninfas faunos zéfiros pégasos e um unicórneo  
tenho luares num céu cheio de estrelas invisíveis um manicómio  
é inútil lavrar na areia das praias duas jeiras de centeio  
peço-te maná uma utopia  
dou-te fome um gracejo impune  
uma participação de isolamento

da ignorância hei-de dizer-te ainda que tagore kabir o krishna  
os deuses do kama a estética a poética uma enxurrada  
todas as noites dois mil astros suicidas saltam no espaço  
volteio-me no leito conjugo um verbo  
durmo no telhado soletro um nome  
digo-te que não

## APOCALIPSE TOMORROW<sup>38</sup>

Olho-me reflexo num espelho e tenho sono  
a silhueta persistente e uma sombra  
pulsante vingativa desventrada e substantiva

A saga dos sábios  
ressuscitados nos clarões da morte  
povoada pelos símbolos herméticos  
da adivinhação:

o cio e a sida  
a fala e o fole  
o bicho da seda  
o ar e a terra  
a fada do fogo  
a água da vida

Na fórmula química do pensamento humano  
existem elementos impróprios deste mundo  
alheios ao rigor deste universo  
cientificamente ilegal

A filosofia extinguiu-se  
com a digitalização da alma dos poetas  
dissolvida no horizonte crepuscular  
pelas doutrinas do dinheiro:

a bolsa ou a vida  
o ter e o haver  
a fome de estar  
o erro de ser  
os anjos do sexo  
as metas do mito





Aumenta a ferocidade a grande besta invulnerável  
exorta à violência os principais mentecaptos universais  
os passadores de convites especial/crianças  
aliciam os papa'gaios da mediocracia a promover  
a próxima ressurreição de nostradamvs e anunciam  
a festa virtual omnia-video bigshow apocalipse never



←

procuramos no tempo as  
imensidões do espaço  
onde as flores parecem estrelas e o  
rasto  
dos cometas escreve a literatura preambular  
da ciência:  
com a réplica mágica das tuas palavras  
pintadas  
e o sacrifício inédito da minha caligrafia  
...ilegível

continua a nevar na escuridão do meu  
pensamento  
onde cintilam indecifráveis microexplosões  
da memória

mais que um nome a tua assinatura  
(humana ainda!)  
marca uma data críptica de sinais vindos  
do éter  
com a carga emocional de dois milénios de  
uma cultura terminus

## LUAR DE SINTRA

Não durmo e tenho um sono preso e transviado  
não quero dormir porque não posso  
porque não sei soltar-me do peso dos passos  
saltar saltos soletrar o sono solto  
por dentro das palavras em que me apetece viajar:  
esculpidas num trecho celtovédico voando num cântico  
indo-europeu gatafunhado no ouro alquímico da memória  
impressa exclusiva perpétua e nobre  
intacta e muda no silêncio erudito  
da estática nos sinais das pedras

por dentro e por fora das pedras

Os ritos foram aviltados pela barbárie  
os rastos apagados pela selvajaria  
os vestígios vandalizados pela erosão  
destruídos pela corrosão vulcânica  
marcados nas passadas calosas e perpétuas  
dos herdeiros de Sísifo  
do supremo juiz de Tântalo

a vida está rescrita no analfabetismo  
estético da flora:  
na flor do cactus no esporo dos fetos

Apetece-me cercar os patrulheiros sádicos  
a história de martírios dos síndicos  
executores vigilantes do castigo  
supremo do senhorio dos sonhos  
do dono do sono:  
invadir o pensamento rimado a métrica greco-latina  
denunciar a guerrilha da palavra  
contra o pensamento  
reentrar no tutano dos hieróglifos  
com a chave falsa da linguagem binária e  
esmagar o vício da ideia assassina dos homens  
e descodificar a suficiência mortal das letras

dos signos dos símbolos e das convenções  
inventados pelo poder dos deuses  
no âmago subnatural da inteligência.

Eu quero lá saber do ódio com que as estrelas  
se acendem e se apagam no anteontem do futuro  
pouco me atrapalha viver neste vaivém do esquecimento  
se a bolha de ar da minha vida dura ainda  
possessa dos venenos da ignorância

equidistante da raiz das Árvores  
da Ciência do Bem  
e da Ciência do Mal

Sonho com o meu adormecimento enfim depois  
de estar tão farto de ter sono e não dormir  
cansado demais por ter tido d'ir por-te<sup>40</sup> a casa

## NOTAS DO AUTOR:

- <sup>1</sup> **Wilhelm Vörringer** "Abstraction und Einfühlung" (1908, Heidelberg)
- <sup>2</sup> órgãos de Comunicação Social (outrora, em tempo de **censura**, de Informação: Imprensa, Rádio e TV)
- <sup>3</sup> o texto original de base, refundido neste novo **Pórtico**, é datado de 1972.
- <sup>4</sup> à data inicial do texto-base,
- <sup>5</sup> ao meu amigo-irmão prof. de jornalismo na UAL, **Pedro Luís de Castro** – Reboleira, 1986
- <sup>6</sup> evocação dos pintores **Mário Silva**, **Serge Mielle Farkas** (ex-Légion Française au Sahara) e **Michael Barrett**
- <sup>7</sup> a **Dorita Castel-Branco**, escultora - Paris, 1966
- <sup>8</sup> ao escritor e economista **Romeu de Melo** - Lisboa, 1971
- <sup>9</sup> ao médico **Carlos Ribeiro Gomes, amigo-irmão** (visita d'«A Ideal do Rego» - Lisboa, 1970)
- <sup>10</sup> poema dito pelo autor, posto no ar in **Lisboa, Meia-Noite** - programada Rádio Alfabetá, sarl, in Emissores Associados de Lisboa, do amigo **Armando Marques Ferreira** (1972), a propósito de uma «**conversa em família**» de Marcelo Caetano...
- <sup>11</sup> Após um café da tarde com o padrinho João Bento e o Cap. Barroso, no Café Nicola /Lisboa 1970 ?)
- <sup>12</sup> ao insigne poeta surrealista esquecido que foi **Manuel de Castro**, ao **Herberto Helder**, ao **Luís Andrade**, o **Pignatelli**, à **Natalina** e ao pensador existencialista **Renato Ribeiro**
- <sup>13</sup> nascimento de **Jesus**, filho de **João Roque** e **Linda Bringel**
- <sup>14</sup> **bota-abaixo** num encontro de clubes de futebol, na Sertã
- <sup>15</sup> o sentido de Pátria, aqui, é o germânico de Vaterland, ou latino terra mater
- <sup>16</sup> sinónimo populista beirão, de bebedeira festiva
- <sup>17</sup> ao **José Cardoso Pires**
- <sup>18</sup> ao mestre escultor **Manuel Borges** – Valejas, Queluz, 1969
- <sup>19</sup> em memória do matemático Dr. **José Bigotte**, que me deu as primeiras luzes de geometria descritiva
- <sup>20</sup> ao meu amigo-irmão **Miguel Vasques** (ex-Wachsmann), artista pintor – Lisboa, 1959
- <sup>21</sup> (selado ao voo sem regresso de **Saint-Exupéry**) ao Capitão-aviador **Artur R-G.** (exilado algures, na Venezuela) – escrito in Den Haag, Holanda, 1980
- <sup>22</sup> ao Prof. Dr. **Cândido da Silva**, o cirurgião que me trouxe do Além - Hospital da CUF, Lisboa, 1969
- <sup>23</sup> ao amigo-irmão **Luís Lobato**, pintor em clausura urbana
- <sup>24</sup> versão em português idealizada em 1989 (na casa-museu de **George Sand**, em França)
- <sup>25</sup> versão original Bourges, Cher – França 1967 (original oferecido ao prof. **Marcel Gilli**)
- <sup>26</sup> ao **Romeu de Melo**, após a sua viagem à Ilha de Páscoa – Queluz 1972
- <sup>27</sup> versão recuperada, apropriada de um apócrifo reminescente da adolescência (do **Francisco d'Assis Cardoso**)
- <sup>28</sup> Linha do Vale do Vouga - Estação Términus/Viseu (destruída pela solércia autárquica)
- <sup>29</sup> à memória do meu amigo-irmão **Lúcio Marques**, Noegus, o Casto – Alfama, 1994
- <sup>30</sup> ao **Mário Donas**
- <sup>31</sup> memória de **Jacques Prévert** «Les bruits de la nuit»
- <sup>32</sup> ao **João Fragoso**, ao **Victor Belém**, ao **Marcel** e ao **Armando Loureiro** - SNBA, 1962
- <sup>33</sup> Samborinho, último verão com o meu Pai – Caramulo, 1982
- <sup>34</sup> excursão escolar dos meus queridos descendentes de última formada – Óbidos, 1984
- <sup>35</sup> ao **António Victorino d'Almeida**, Maio de 1974, (no Botequim da **Natália Correia**)
- <sup>36</sup> aos poetas **Armindo Mendes de Carvalho** e **O'Neill** e ao artista ilustrador **Álvaro Infante do Carmo**
- <sup>37</sup> na cozinha do escultor **Romeu Costa** (a dois passos da casa do escritor e ensaísta **Vitorino Nemésio**), Lisboa 1971
- <sup>38</sup> aos «Anjinhos do Papa» do artista plástico **José Maria Figueiredo Sobral** – Lisboa, 1993
- <sup>39</sup> o título deste poema de 1996 é excerto de uma dedicatória (1993) do grande artista **Artur Bual**
- <sup>40</sup> ao poeta **António Ramos Rosa**, após um sarau poético na Galeria Paço Romano – Sintra 1996

## O AUTOR:

**José-Luis Ferreira** nasceu em Viseu, 1938. Sociólogo, escritor, investigador de arte, gestor e consultor de empresas. Estudou em Paris<sup>1</sup>, (e estagiou<sup>2</sup> em) Bourges<sup>3</sup>, Orléans<sup>4</sup>, Bruxelas<sup>5</sup> e Anvers/Antuérpia<sup>6</sup>. Foi professor-convitado (investigador e docente), em cursos de pós-graduação universitária<sup>7</sup>. Dedicou-se, desde a década de 70, a projectos de *marketing-creative* e promocional, de planeamento e gestão empresarial, estudos de *corporate image*, publicidade institucional e *advertising* promocional, em serviços e novos produtos (bens duradouros e de grande consumo)<sup>8</sup>. Tem exercido cargos de administrador, gestor e consultor técnico<sup>9</sup> em empresas de estudos socioeconómicos e em sectores empresariais (ramos imobiliário, turístico e transportes), tendo participado em vários conselhos de administração<sup>10</sup> de sociedades anónimas, como responsável por pelouros de áreas de gestão technicoeconómica e financeira, relações públicas e negociais. Tem vindo a participar (como coordenador, técnico superior<sup>11</sup> e consultor) em equipas pluridisciplinares, para estudos de projecto em áreas diversificadas: *turismo de espécie e cultural, infraestruturas de urbanoturismo*, tecnologia industrial, científicas culturais. Tem desenvolvido várias iniciativas e eventos culturais e estudos de investigação (como crítico, promotor, escritor e divulgador de arte<sup>12</sup>), intervindo em peritagens e como membro de júris em concursos, no país e estrangeiro. Exerceu funções de adjunto e assessor em gabinetes ministeriais, participou em comissões do Governo (após 1975<sup>13</sup>) e foi diplomata<sup>14</sup>, nos Países-Baixos. Autor de artigos, ensaios, palestras, conferências, monografias e prefácios em catálogos de centenas de exposições de artistas plásticos contemporâneos, participou e interveio em congressos, simpósios e diversos júris de Colectivas, em Portugal e no estrangeiro. Vasta bibliografia (poesia e ficção) editada<sup>15</sup> e inédita. Colaboração esparsa (na imprensa<sup>16</sup> regional e diária, revistas especializadas, rádio e TV<sup>17</sup>).

Membro, entre outras, das Instituições: *Sociedade Portuguesa de Ciências Sociais e Humanas, Sociedade de Língua Portuguesa, ANAP-Associação Nacional dos Artistas Plásticos*<sup>18</sup>, dos Comitês de Portugal para a AIAP- Association Internationale des Arts Plastiques (UNESCO) e *Luso-Galaico para o Desenvolvimento Cultural* e do *Círculo Cultural e Artístico Artur Bual, Ass. Les Amis de Marcel Gili, etc.*

e-mail: [alcoba@netc.pt](mailto:alcoba@netc.pt)

---

<sup>1</sup> *Sciences Sociales* (UCP Hum.) | 1961-65

<sup>2</sup> bolseiro do Estado, da Fund. Calouste Gulbenkian, da JTCS, da S. C. C. e outras instituições mecenáticas

<sup>3</sup> tese (Dr<sup>at</sup>) *Intégration des Arts dans l'Architecture des Sociétés Occidentales Contemporaines* (patrono Prof. H.Malvaux) ENSBAAI | 1966

<sup>4</sup> Assistente do prof. Marcel Gili (Sc.Sociales appliquées. *Sociologie de la sculpture P<sup>th</sup>*) | 1964-67

<sup>5</sup> Institut du travail (ULB Mast<sup>er</sup>.) 1971

<sup>6</sup> Gestion et Planification du *Développement Economique* (lic./M<sup>ter</sup>P<sup>h</sup>c) | 1970

<sup>7</sup> ant.º Instituto de Orientação Profissional / U.L. (cad.<sup>ras</sup> de Sociologia I e II e Estruturas Socio-Económicas) e de pós-graduação (Sociologia da Comunicação) in *Cursos de Formação on job*, da RTP - IEFPP | 1976-77 e 1993

<sup>8</sup> Investigação e pesquisa de mercado, estudos, criação e planeamento estratégico em campanhas publicitárias para os *massmedia* (*copywriter sénior e Director Criativo*), em agências de publicidade nacionais e estrangeiras: SPSP - Serviço de Publicidade Suiço-Português, Ltd./ Publicis, sa/ Mc Cann Erikson, sa/ Promo-NCK, sa | 1970-76

<sup>9</sup> Agrinco, sarl / Transitum, Ltd / Probeta, sarl / OPL- urbanisme, architecture, architecture d'intérieurs et décoration / Pref.67/ Calorel,sarl / Silux,Ld./Gab.Est.Engº.AlmeidaGarrett/DeltaFoods,Ltd/Interfina,SA/GrupoCentreI-EID,SA/Hidroterra,Ld/ATISO/Socovias,sarl/Tecnobrita,Ltd/ Pereira Costa Ld./Grº.Terrazul-Sulpedras / EECOG, Ld. / Arca-Filme / Zoom'out / Vilamoura-LeClub/Compta-RH / Civiconsult,Ltd / Tabaqueira,sa / Operação Capital / etc.|1997-2000

<sup>10</sup> Aga, Editora,Ld./ Turisbel,sarl (Óbidos)/ Urbanitel,sarl / Soc.Com. Guérin,sa / InterRent (gmbh) /Grutas Sra. do Cabo, sa (Sesimbra)| 1979-95

<sup>11</sup> quadro superior da Expo'98: Análise-Coordenação|Planeamento Estratégico/D-G.Operações (1997-99), Consultor actual Mkt & Gestão | 2002

<sup>12</sup> autor de estudos monográficos, de vários artigos publ. em livro e na imprensa diária e revistas culturais e de especialidade, de prefácios em catálogos, palestras e conferências, comunicações em simpósios e congressos, em Portugal e no estrangeiro | 1961-2002

<sup>13</sup> Ministério da Agricultura e Pescas (Assessor e Adj. do Minº), Presidência do Conselho de Ministros, Secretaria e Subsecretaria de Estado da Comunicação Social: *Comissão de institucionalização INOP- INEO(Vice-Pres.)* | Gab. Estudos de Opinião ( *Dir.Serv.*) | 1976-78

<sup>14</sup> Ministério dos Negócios Estrangeiros ( *Adido de Imprensa/Cons.Cultural Embaixada de Portugal em Den Haag-Paises Baixos*) | 1979-80

<sup>15</sup> Livros inéditos (11) editados (6 títulos|11 vols. Editores: IPM-MA, Aveiro, Polígono, Porto Universitária Editora) *aut.div.* prefácios e posfácios

<sup>16</sup> desde 1953 (Director da revista ARTE da Sociedade Nacional de Belas Artes 1962/64) últimas publicações in «Espaços», «Casa & Jardim» e Jornal «Artes&Artes» | 2002

<sup>17</sup> RTP (Prod.Ass.1970-71), WDR "Ihre Heimat, Unser Heimat – Soziale Politik & Kulturel" 30 progrs.(*Report Research Cultural Advisor*) | 1982-86

<sup>18</sup> Presidente do Conselho de Parecer Profissional (mandatos suc.<sup>vos.</sup>, desde 1995, até 2003 Dezembro) | 2002

---

Visite nosso sítio WEB:



Cultura pura. Sem comércio, sem propaganda, aqui só importa a qualidade da obra

e-Books gratuitos,

Literatura,

Artes Plásticas,

Folclore,

Arte Regional,

Temas em Debate

---

Conheça nossa seção especial:



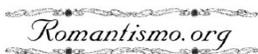
o portal do Romantismo Brasileiro e Mundial,

onde você encontra gratuitamente e sem propaganda:

publicações, e-books, downloads, consultas on-line, resumos, biografias, bibliografias, artigos.

---

[romantismo.org](http://romantismo.org)



Diretor Geral

[André Carlos Salzano Masini](#)

[casadacultura.org](http://casadacultura.org)

